

## CAPÍTULO 4

# IMPERSONALIZA-SE? INDETERMINA-SE? USOS DE CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS DIRETAS COM PRONOME SE EM TEXTOS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Eneile Santos Saraiva de Pontes

### 4.1 CHEGA MAIS!

Neste capítulo, buscamos analisar estratégias de impersonalização discursiva em textos jornalísticos (editoriais e artigos de opinião) e acadêmicos (teses e dissertações) do português brasileiro (PB) acionadas por predicação transitiva direta com o pronome SE. Mas, como tratar da impersonalização? Por que lançamos mão de determinadas construções que retiram de cena o participante responsável pela ação/processo em nossos textos? Para tentar responder a essas questões, vamos observar os exemplos a seguir:

*(Ex. 1) DETERMINOU-SE no documento que o Minhocão seria inativado até 2029 [...]. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]*

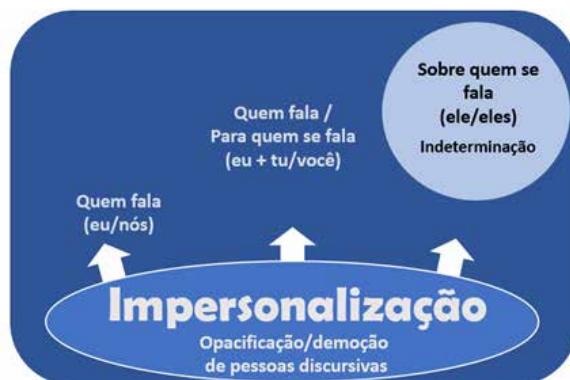
(Ex. 2) Sendo assim, **ADOTA-SE** para o presente estudo a abordagem funcionalista [...] [Dissertação, 2017]

Notamos que o responsável pela predicação foi opacificado/retirado de cena/desfocalizado. Há, então, o processo de impersonalização discursiva que, de acordo com Machado Vieira (2020, p. 69):

*é um fenômeno que promove a desfocalização, suspensão ou supressão de um referente/participante do discurso envolvido no estado de coisas como estratégia de preservação da face (BROWN; LEVINSON, 1987) ou, em outras palavras, como maneira de impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do (inter)locutor e/ou do participante com papel de força que induz ou experimenta o estado de coisas mediante a distância imposta ao conteúdo proposicional em relação àquele(s) e/ou a este. (MACHADO VIEIRA, 2020, p. 69).*

Dessa forma, os dois exemplos podem ser analisados a partir da perspectiva da impersonalização discursiva: em (1), percebemos que o suposto responsável pela predicação se relaciona à 3ª pessoa discursiva (*quem* determinou?). Já em (2), o participante suspenso (*quem* adota) é o próprio eu-enunciador, ou seja, a primeira pessoa discursiva (*Eu* adoto...).

Notamos, nos materiais didáticos e nas propostas de ensino sobre o tema, que, geralmente, há um enfoque na abordagem do processo de indeterminação e esse costuma ser atrelado à função sintática de “sujeito indeterminado”. Há, ainda, pouco espaço para a abordagem da possibilidade de retirada de cena do eu-enunciador, tema que só costuma vir à tona quando está em jogo a escrita do texto dissertativo argumentativo. Saraiva de Pontes (2022) defende, então, que a indeterminação seja considerada como uma subcategorização do processo maior de impersonalização discursiva, em que ocorre a demissão do participante suspenso (pessoa gramatical) igual à terceira pessoa discursiva, como verificamos no exemplo 2. A figura a seguir busca representar esse processo:

**Figura 1:** Impersonalização e indeterminação como subcategorização.

**Fonte:** Autoral.

Percebemos que as três pessoas discursivas podem estar associadas ao processo de impersonalização: quem fala, para quem se fala e sobre quem se fala. Entretanto, em relação a esta última pessoa, esse processo é subcategorizado como indeterminação discursiva. É preciso destacar que há situações em que esse participante poderá ser facilmente recuperado ou não. Por isso, vamos apresentar, neste capítulo, uma proposta de um *continuum* de impersonalização discursiva que considera graus de (in) determinação e (im)personalização.

Fazemos uso dessas construções de impersonalização discursiva com o intuito de tornar o texto mais objetivo, com menos marcas de personalidade; quando acionamos especificamente a indeterminação, buscamos retirar o foco do responsável pela ação, considerando que, em muitos casos, é possível inferir ou supor quem é o referente do participante suspenso, se observarmos o contexto e o cotexto. Destacamos ainda que a estruturação sintática da predicação transitiva direta com pronome SE permite que haja um ajuste focal (cf. LANGACKER, 1987; 1991). Assim, a partir da capacidade humana de conceptualizar uma situação de formas diferentes, por unidades construcionais diferentes, com a supressão do participante responsável pela predicação, o interlocutor é levado a dar maior enfoque na ação/processo e não em quem realiza. Em relação à perspectiva tradicional, os exemplos (1) e (2) são sintaticamente analisados como estruturas passivas sintéticas e o termo projetado – um sintagma oracional (SO) “que o Minhocão seria inativado até 2029 [...]” ou um sintagma nominal (SN) “a abordagem funcionalista [...]” – exerce a função sintática de sujeito. Não são contempladas as funcionalidades pragmáticas evocadas pelas construções transitivas com SE, pela promoção da impersonalização discursiva. E quais as finalidades desses processos? Por que retirarmos de cena o responsável pela predicação? Saraiva; Teixeira; Santos; Machado Vieira (2021) observam que:

*em textos da mídia, um jornalista pode querer ser evasivo ou não se comprometer a responsabilizar alguém ou alguma instituição a que é solidário. Em textos da ciência, a motivação pode ser simplesmente seguir uma tradição discursiva de pôr em evidência o fato científico e uma escrita menos subjetiva. (SARAIVA; TEIXEIRA, SANTOS, MACHADO VIEIRA, 2021, n.p.).*

Há ainda que se considerar que, nessa busca por uma escrita menos subjetiva, no acionamento da predicação transitiva direta como pronome SE, pode ocorrer: (i) a demissão do referente força indutora do lugar de sujeito para, por exemplo, o de um SP circunstancial; e (ii) a apresentação do referente força indutora com valor genérico ou não identificável. Observem os exemplos a seguir:

*(Ex. 3) No governo federal, ESTIMA-SE que 35% dos funcionários se aposentarão até 2030. Nos estados, onde aposentadorias especiais com menos tempo de serviço predominam, quase a metade dos atuais servidores poderá fazer o mesmo. [Editorial, Jornal Folha de São Paulo, 2020]*

*(Ex. 4) SABE-SE hoje, por exemplo, que esses primatas superiores são dotados de autoconsciência, contam com traços de personalidade que se mantêm estáveis durante a vida, constroem alianças intragrupo a fim de obter vantagens, guerreiam entre si. E, algo que talvez surpreenda muitos, possuem cultura. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]*

No exemplo (3), notamos que “o governo federal”, que aparece no sintagma preposicionado, é quem faz a estimativa sobre a projeção de funcionários aposentados. Em (4), verificamos, a partir da construção “sabe-se”, que ocorre o processo de impersonalização, com valor generalizante, em que o articulista infere que esse conhecimento sobre os primatas é resultado de pesquisas e que pode ser compartilhado pelos potenciais leitores dos jornais e também por ele próprio.

Se consultarmos as gramáticas tradicionais para sabermos sobre indeterminação, vamos descobrir que, geralmente, somente 2 estratégias são contempladas: (i) uso do verbo na 3ª pessoa do plural (*Esqueceram* o livro sobre a mesa); ou (ii) verbo transitivo indireto + pronome SE (*Precisa-se* de funcionários). E, sobre a impessoalização/impersonalização, em geral são listadas apenas as sentenças impessoais, aquelas que são gramaticalmente estruturadas em torno de um verbo impessoal (as chamadas orações sem sujeito) e que expressam condições meteorológicas, temporais ou existenciais (*Choveu* no Rio de Janeiro, *Faz* muito tempo que não vejo Maria e *Há* muita gente na festa, respectivamente). Nesse terceiro caso, envolvem um participante que é complemento verbal e são, portanto, existenciais impessoais transitivas. Não há referências

claras a mecanismos de estruturação gramatical disponíveis na língua que podem promover o distanciamento do autor em relação ao seu próprio texto ou à opacificação de outrem quanto à acionalidade (intencional ou não) de um evento que é predicado.

## 4.2 FALA UM POUCO MAIS! /DESENVOLVE!

Diversos estudos linguísticos têm demonstrado que há várias estratégias de indeterminação disponíveis que podem ser acionadas pelos falantes nas mais diferentes situações comunicativas. Entre elas, destacamos: (i) verbo na 3ª pessoa do singular (*Diz [=dizem] que era uma vez quatro ladrões muito sabidos e finos [Câmara Cascudo, Contos Tradicionais do Brasil]*);<sup>1</sup> (ii) passivas analíticas sem o preenchimento do agente da passiva (O apartamento *foi assaltado*); (iii) uso de algumas formas pronominais com valor indeterminado, como “nós”, “a gente”, “você” (Aí, *you* vai ao shopping e não sabe o que comprar); e (iv) uso de expressões nominais, tais como “geral”, “galera”, “pessoas” (*Geral* já está comentando sobre a nova turnê do U2) e as construções transitivas com o pronome SE (E em especial os cometidos com arma de fogo, iniciativa prudente para o momento em que se começa a liberalizar a posse de armas, e *se pretende fazer* o mesmo com o porte [Editorial, Jornal O Globo, 2019]).

Sobre a impersonalização discursiva, destacamos o uso da primeira pessoa do plural, com ou sem preenchimento de sujeito, como uma estratégia muito acessada no PB que pode revelar que a primeira pessoa discursiva apresenta uma ideia compartilhada por um determinado grupo, como acontece no seguinte trecho, partindo-se da estimativa de PICCHI (1993), de 30% de desperdício em custo, [nós] *podemos* supor que um investimento em logística que reduzisse essas perdas em 20% [...] [Editorial, Jornal O Globo, 2019].

Apesar dessa construção ser muito frequente nos nossos textos científicos, os dados dessa pesquisa – desenvolvida no curso de Doutorado em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ (SARAIVA DE PONTES, 2022) – revelam que a predicação transitiva direta com o pronome SE é muito acionada também na busca por se retirar de cena o autor do texto; entre elas, destaca-se o recurso cada dia mais expressivo à predicação com o verbo estativo *ter*, como a do seguinte exemplo:

(Ex. 5) *Comparando os resultados de mercado de trabalho (Tabela 28) TEM-SE que, como esperado, as trajetórias associadas à gestão são as que oferecem melhor remuneração. [Tese, 2016].*

Em (5), notamos o uso do pronome SE associado ao verbo *ter*, com o intuito de promover a impessoalização da primeira pessoa discursiva (Eu tenho/Temos/(Eu) concludo). É interessante observar que não se prevê o uso do verbo *ter*, por seu caráter estativo, em construções passivas sintéticas. Todavia, notamos que o uso de sentenças

1 Cf. Bechara (1988).

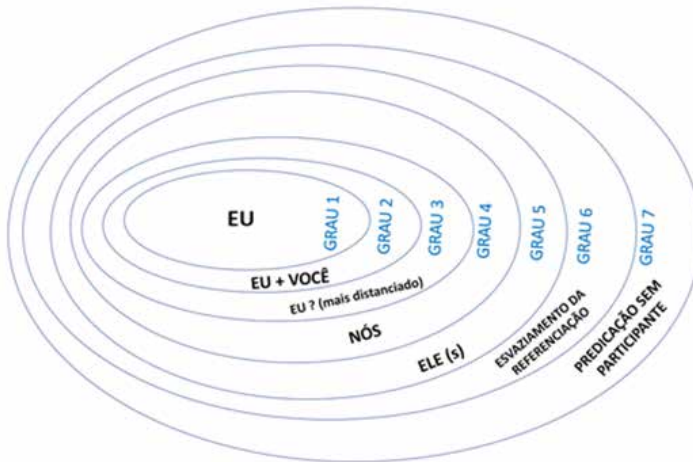
com *tem-se* é muito frequente nos textos acadêmicos. Em Saraiva (2013), abordou-se a gramaticalização dessa construção e se observou que ela entra em variação com a forma verbal *há*, em sentenças impessoais e existenciais, já que a forma *tem* com esses valores (*Tem muita gente na festa*), muito comum na fala, é pouco utilizada na escrita, especialmente na escrita do domínio acadêmico.

Ao mapearmos o acionamento da impersonalização pelas construções de predicação transitiva direta com pronome SE (SARAIVA DE PONTES, 2022), encontramos padrões como:

- (i) Predicador<sub>TD</sub> + SE + [SN/SO] + [participante 1 suspenso];
- (ii) Predicador<sub>TER</sub> + SE + [SN/SO] + [participante 1 suspenso ou inexistente]; e
- (iii) Verbo<sub>TD</sub><sub>(SEM)AUXILIAR</sub> + SE + Verbo Principal (VP) + [SN/SO] + [participante 1 suspenso].

Recorremos a um *continuum* de impersonalização para averiguarmos as pessoas discursivas que podem estar envolvidas nesse processo de opacificação. A seguir, podemos observar como funciona essa gradação, com a proposta de 7 graus de impersonalização discursiva:

**Figura 2:** *Continuum* de impersonalização discursiva.



**Fonte:** Saraiva de Pontes (2022).

A partir da figura citada, verificamos que: quando se recupera facilmente a primeira pessoa discursiva, estamos no polo da impessoalização (grau 1); há situações em que observamos o envolvimento da 1ª e da 2ª discursiva (grau 2); em outros contextos, vamos verificar que, a partir do uso da construção Predicador<sub>TER</sub> + SE, a associação à 1ª pessoa discursiva, mas de forma mais distanciado; também observamos a recuperação da 1ª pessoa do plural (grau 4), caminhando para contextos em

que o responsável pela predicação é diferente do eu-enunciador (3ª pessoa discursiva), (grau 5); há, ainda, casos de predicações em que não percebemos claramente um participante/força indutora (grau 6) até que em um outro polo extremo do *continuum*, nos deparamos com a predicação sem participante (grau 7). A partir da figura citada, notamos esse *continuum* de impersonalização e, a seguir, listamos exemplos de predicações que foram inseridas nos setes graus:

(Ex. 6) No Capítulo 2, **ANALISA-SE** a situação do multilinguismo em Moçambique e o quanto a diversidade de línguas pode ou não afetar o Português falado por esses indivíduos, a partir de dados históricos e linguísticos. [Dissertação, 2017] – grau 1

(Ex. 7) **FRISE-SE** a preocupação, aqui, não é com a continuidade ou não dos ensinamentos da dogmática jurídica. [Dissertação, 2017] – grau 2

(Ex. 8) Do ponto de vista setorial, de acordo com o Gráfico 23 **TEM-SE** que os engenheiros típicos tendem a começar na construção e na indústria. [...] [Tese, 2016] – grau 3

(Ex. 9) **SABE-SE** que a rede pública estadual tem problemas de sobra [...]. [Editorial, Jornal O Globo, 2019] – grau 4

(Ex. 10) **PRETENDE-SE REDUZIR** a carga de impostos sobre o lucro das empresas de 34% para cerca de 20% [Editorial, Folha de São Paulo, 2019] – grau 5

(Ex. 11) Assim, **CRIOU-SE** uma geração que, supostamente, só sabia falar Português, mas que, na verdade, nunca deixou de ter algum tipo de contato com as línguas africanas. [Dissertação, 2017] – grau 6

(Ex. 12) No exemplo mais recente, **TEM-SE** a confissão judicial do antigo tesoureiro da ex-presidente Cristina Kirchner[...] [Editorial, Jornal O Globo, 2019] – grau 7

Em (6), grau 1, nota-se que facilmente se recupera o participante suspenso como o próprio eu-enunciador (*Eu analiso...*); em (7), grau 2, há uma articulação entre a 1ª e a 2ª pessoa discursiva (como se o leitor fosse convidado a “frisar” a informação juntamente com o pesquisador); em (8), grau 3, recupera-se, de forma mais distanciada, o responsável pela predicação como a primeira pessoa discursiva (*Eu tenho comigo que.../ Temos que.../ A partir do gráfico, eu concluo que...*); em (9), grau 4, ocorre o que chamamos de indeterminação genérica, pois inferimos que, a partir de “sabe-se”, o autor do texto se inclui como parte de um grupo que compartilha determinada informação (todos os cidadãos do estado, o que inclui o editorialista, sabem sobre os problemas da rede pública de ensino); em (10), grau 5, já há referência a um participante diferente do eu enunciador, ou seja, a 3ª pessoa discursiva (alguém/algun grupo/ o governo federal pretende reduzir a carga de impostos); em (11), grau 6, com “criou-se”, observamos que a situação de multilinguismo foi se estabelecendo e não “criada” pelos falantes, ou seja, sem a percepção de uma força indutora e, por fim, em (12), grau 7, há uma sentença sem responsável pela predicação, no caso, com valor existencial (... *há a confissão/existe a confissão*).

Dessa forma, destacamos a importância de averiguar as pessoas discursivas envolvidas quando tentamos mapear os caminhos da impersonalização e da indeterminação acionadas pelas construções de predicação transitiva direta com o pronome SE combinadas a textos de certos domínios discursivos (como o jornalístico ou o acadêmico, objeto de atenção de descrições escolares que se voltam ao processo de produção textual envolvido em concurso de seleção de candidatos a vagas em cursos universitários). Acreditamos que, a partir dessa análise, seja possível inferir o efeito de sentido e, então, traçar uma descrição mais coerente, considerando aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos. Uma construção de predicação transitiva direta com pronome SE é objeto linguístico associado a diferentes inferências no *continuum* impersonalização-indeterminação a depender do contexto pragmático de predicação e discursivo de comunicação (acadêmica, jornalística, outra) ou interlocução.

### 4.3 FAZ DIFERENÇA?

O objetivo da nossa pesquisa (SARAIVA DE PONTES, 2022) era traçar uma análise das construções transitivas diretas com o pronome SE considerando as modalidades escrita e oral do PB. No momento de seleção de fontes, percebemos que elas não eram tão produtivas na fala, mesmo em contextos mais formais, como palestras de doutores disponíveis no site do YouTube. Passamos, então, a lidar somente com um *corpus* composto por textos jornalísticos (editoriais e artigos de opinião) e acadêmico (teses e dissertações).

Entretanto, a partir da análise de palestras e entrevistas, mapeamos algumas estratégias de impersonalização que costumam ser mais acionadas na modalidade de expressão oral, mesmo nesses domínios. São elas:



(Ex. 13) **NÓS** estamos alertando o cidadão do que pode acontecer com o Brasil no dia 28 de outubro. [Entrevista com presidenciáveis – Programa Roda Viva, 2018]

(Ex. 14) Que **A GENTE** exiba como exemplo raro, único, senão ímpar, algo que deveria ser corriqueiro, cotidiano [...] [Palestra “Faça a coisa certa”, disponível no YouTube]

(EX. 15) **TODO MUNDO** que lutou por democracia sabe dos riscos que o Brasil tá correndo. [Entrevista com presidenciáveis – Programa Roda Viva, 2018]

Em (13), com o uso do pronome “nós”, notamos a perspectiva da impessoalização, pois o candidato se insere no grupo dos partidários que possuem um determinado pensamento político em comum durante o período de campanha eleitoral; em (14) “a gente” faz uma referência indeterminada a qualquer pessoa que possa estar assistindo à palestra e, em (15), a expressão nominalizada “todo mundo” também remete à indeterminação, pois não há clareza sobre quais pessoas ou grupos que em momento específico lutaram pela democracia no Brasil.

Mas, por que as estratégias de impersonalização com o pronome SE seriam mais acionadas pelos usuários do português brasileiro em textos escritos? Traçamos o seguinte caminho para responder a esse questionamento: primeiramente, é importante destacar que, ao longo da evolução da língua, não se observa o preenchimento do elemento que, nas construções passivas (sejam elas pronominais ou sintéticas, as que aqui focalizamos, ou analíticas, as que se baseiam em locução verbal com um verbo auxiliar ou suporte (TEIXEIRA, 2020) a ativar a inferência de passividade, a marcação de voz passiva) exerceria a função de agente da passiva, e essa seria uma justificativa para que os usuários da língua utilizassem tais estruturas com o intuito da impersonalização. Vamos observar os seguintes exemplos:

(EX. 16) *Essa visão dicotômica se fundamenta na gramática tradicional, uma vez que numa perspectiva mais restrita da língua, levando-se em conta a prescrição gramatical, **ELEGEU-SE** uma única norma linguística [Ø].* [Dissertação, Letras, UFRJ 2017]

(EX. 17) [...] o qual **FOI ADOTADO [Ø]** como o ponto inicial do respectivo segmento [Artigo científico, PB]<sup>2</sup>

(EX. 18) *Uma cadela rottweiler LEVOU UM TIRO [Ø] no focinho e na pata durante um roubo em uma residência. [Notícia, g1.globo.com, 09/06/2019]*<sup>3</sup>

Nos três exemplos citados, verificamos, a partir da demarcação do espaço vazio [Ø], essa tendência de o agente da passiva não ser preenchido nas passivas sintéticas e analíticas: quem elegeu (elegeu-se uma única norma linguística [por X]) e quem adotou (o qual foi adotado [por X]). E, em (18), na construção com verbo (semi)suporte, a força indutora/agente supresso, ou seja, o responsável pelo disparo também não é expresso.

Há linguistas que discutem a função do pronome SE em predicação transitiva direta e a categorização desse tipo de predicação como passiva sintética; então, reúnem argumentos em prol do debate sobre a configuração indeterminadora de predicação com tal partícula. (cf. BAGNO, 2001). Nosso entendimento é o de que a construção de predicação transitiva direta com pronome SE é um recurso que possibilita: (i) a opacificação do participante responsável pela predicação e, pode promover, assim, a impersonalização discursiva (supressão, demção ou opacificação no discurso) com ou sem indeterminação do referente; e (ii) coloca em perspectiva o evento em si ou o estado de coisas que afeta, efetua, experimenta ou tem um segundo participante de natureza não agentiva.

Um segundo ponto que consideramos é o fato de que a predicação com pronome SE apresenta uma frequência de uso particular no português brasileiro, ao compararmos com o português europeu. A pesquisa de Duarte (2007) aponta que, enquanto em terras lusitanas, há um uso significativo de predicação com o pronome SE, como estratégia de indeterminação na fala (38%) e na escrita (69%), no Brasil, esse uso, na fala culta, atinge um percentual de 8% de uso e na popular de 2%, sendo mais utilizadas outras estratégias – uso do pronome “eles”, de “a gente”, “nós”, “você”, “tu” e zero (ou seja, não preenchimento do sujeito) – nessa modalidade, e na escrita apresenta percentual de (36%).

Dessa maneira, começamos a indagar se na escrita altamente monitorada, que passa pelo crivo de rigorosas revisões, nós recorreríamos às construções de predicações transitivas diretas com o pronome SE por forças de pressões normativas. Pagotto (2001) sinaliza que há evidentes diferenças entre português brasileiro e português europeu, mas, na escrita, há maior resistência para as mudanças que a língua sofre no nosso território. O autor ainda destaca que os compêndios gramaticais mantiveram os padrões de uso da língua lusitanos, sem considerar o que realmente estava sendo produzido pelos falantes no Brasil e, até hoje, ainda observamos materiais que seguem essa tendência.

Assim, buscamos manter na escrita estruturas pouco presentes na oralidade, no caso do pronome SE, com baixo uso na fala popular e um discreto aumento na culta, que apresenta um prestígio e, por isso, as construções de predicações transitivas diretas com pronome SE são fecundas nos textos que compõem o *corpus* da nossa pesqui-

3 Exemplo extraído de TEIXEIRA (2020).

sa. Duarte e Serra (2015) demonstram que as diferenças entre fala e escrita, ao longo do século XX, costumavam ser associadas à oposição formal X informal e, segundo elas, “muitas das normas prescritas pelas gramáticas não fazem parte da nossa gramática (língua-I), mas, por força da tradição escolar, estão presentes de forma significativa na língua escrita dos meios de comunicação e academia”. (DUARTE; SERRA, 2015, p. 42-43).

Desse modo, recuperamos as construções de predicação transitiva direta com pronome SE nos textos escritos e essa funciona bem nos contextos acadêmicos, em que, geralmente, há a recomendação por uma escrita mais impessoal, sem marcas da primeira pessoa discursiva, num campo em que o pesquisador precisa apresentar metodologias e discutir resultados com mais objetividade; diferentemente do que ocorre nos textos jornalísticos, em que há maior recorrência de citação a ações da terceira pessoa. Por isso, a nossa hipótese é a de que as construções em estudo seriam mais acionadas no discurso acadêmico com fins de promover a opacificação da 1ª pessoa discursiva e, no texto jornalístico, com o intuito de opacificar a 3ª pessoa discursiva.

É fato que diferenças entre língua oral e escrita existirão em todas as línguas. Para Marcuschi (2001, p. 17), “oralidade e escrita são práticas de usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”. No caso do uso das construções de predicação em análise, nós observamos que elas se adaptam a características próprias dos textos acadêmicos e jornalísticos: tirar de cena a figura do participante 1, seja ele o próprio autor do texto ou uma terceira pessoa.

Assim, é importante compreender quais são as diversas estratégias de impersonalização presentes na língua e observar em quais situações e modalidades optamos por privilegiar o uso de uma ou outra estrutura. O já citado artigo de Duarte (2007), em um estudo sobre sujeitos de referência arbitrária, apresenta diversas estratégias presentes no PB e no PE, que são mais recorrentes na língua oral e na escrita. Já Machado Vieira (2017) apresenta microconstruções com “ter-se” e “haver” relacionadas ao domínio funcional da impessoalização discursivo-pragmática no discurso acadêmico. E Machado Vieira (2020) retoma, a partir de pesquisas do Projeto Predicar, a descrição desse domínio funcional recorrendo ainda a microconstruções de passiva com verbos suportes, a microconstruções com referenciação genérica por intermédio de expressões verbais, nominais ou pronomes.

Podemos observar, dessa maneira, que já há estudos, inclusive em desenvolvimento, atentos às estratégias de impersonalização e indeterminação. Há pesquisas a promoverem suporte a uma descrição coerente em espaços de trabalho com a língua portuguesa, pautada em dados reais de uso da língua, podendo auxiliar no desenvolvimento da temática em sala de aula, sempre na busca por um ensino coerente e que possa estimular a reflexão e a consciência das escolhas linguísticas realizadas pelos alunos e de potencialidades gramaticais à sua disposição, bem como consciência metalinguística para tratar dos aspectos que se articulam na configuração do fenômeno de expressão linguística em pauta.

#### 4.4 TROCANDO EM MIÚDOS...

Apesar de a perspectiva tradicional apontar somente dois mecanismos para promover a indeterminação, ou seja, a retirada de cena da terceira pessoa discursiva, e não fazer referências claras à possibilidade de opacificação da primeira pessoa discursiva, vimos, até agora, que há várias estratégias disponíveis na língua para promover a desfocalização das pessoas discursivas. Observamos que a predicação transitiva direta com pronome SE, é mais utilizada em textos escritos, além de ser possível pensar em um *continuum* no qual essas construções podem ser inseridas em sete diferentes graus, sendo o primeiro, uma representação mais prototípica da impersonalização, o quinto, da indeterminação e, o sétimo, a instância da predicação sem participante.

Posteriormente, tentamos averiguar as razões das construções em estudo serem mais recorrentes nos textos escritos, por forças de pressões normativas e por atenderem bem aos propósitos de serem, nos textos acadêmicos, mais frequentes para retirar de cena o eu-enunciador e, nos jornalísticos, para desfocalizar um participante diferente de quem escreve o texto. Observe o gráfico a seguir:

**Gráfico 1:** Indeterminação X Impessoalização nos textos em análise



**Fonte:** Autoral.

Para a elaboração desse gráfico, contabilizamos somente as sentenças que se encaixavam no grau 1 ou no grau 5. Trabalhamos exclusivamente com esse recorte porque ele reflete, no primeiro grau, a opacificação evidente da primeira pessoa discursiva e, no quinto, a opacificação da terceira pessoa discursiva. Dessa forma, buscamos observar como que os gêneros textuais podem influenciar no uso das construções em estudo para o acionamento da impersonalização e, mais especificamente, da indeterminação. Também consideramos somente esses dados porque, como foi possível perceber, a construção PredicadorTER +SE é acionada em dois contextos específicos: ou na opacificação da primeira pessoa discursiva ou em contexto de predicação sem participante, em sentenças existenciais (cf. SARAIVA DE PONTES, 2022). Percebemos a influência dos gêneros para o acionamento das construções: notamos que, quando o intuito é promover a opacificação da terceira pessoa discursiva, elas são mais utilizadas no texto jornalístico e, para promover a opacificação da primeira pessoa discursiva, são mais recorrentes nos textos acadêmicos.

É importante destacar, todavia, que todo discurso está atrelado ao seu produtor, e a objetividade completa da linguagem seria uma abstração. Ferrari (2011, p. 73) destaca que “os estudiosos reconhecem unanimemente que as línguas são indissociáveis dos seus falantes, e, portanto, a pressuposição de neutralidade é sempre uma idealização”. Dessa maneira, ainda que o enfoque recaia sobre a predicação em si, quando um emissor busca se afastar do seu texto, há, via de regra, há pistas textuais ou contextuais que podem indicar para o interlocutor que esse participante responsável pela ação/processo que está opacificado se trata da 1ª pessoa discursiva.

Dito isto, vamos ver como a temática poderia ser trabalhada em sala de aula? Como as construções com SE geralmente são abordadas no material didático? E como poderíamos pensar em atividades do *currículum* escolar/universitário? Pretendemos responder a essas questões na próxima seção.

### 4.5 PRA SE FAMILIARIZAR!

Geralmente, quando observamos o tratamento da voz passiva em sala de aula, notamos que há uma extensiva preocupação em: (i) demonstrar, a partir de exemplos clichês, que o termo que exercia a função sintática de sujeito na voz ativa passa a atuar como agente da passiva e o termo que era objeto direto passa a funcionar como sujeito; e (2) apresentar a correlação entre passiva analítica e sintética e o acionamento, nesta última, da concordância verbal, caso o termo classificado pela tradição gramatical como sujeito estiver no plural, pois estaríamos diante de uma partícula apassivadora:

Figura 3: Enfoque na perspectiva sintática no ensino da voz passiva.



Fonte: Autoral.

E, quando passamos a analisar a abordagem das construções passivas sintéticas especificamente, verificamos que há o enfoque na diferença entre pronome SE indeterminador, quando utilizado junto a um verbo transitivo direto (*Necessita-se* de um computador novo) ou verbo intransitivo (*Vive-se* bem em Portugal) e SE apassivador, que se liga a um verbo transitivo direto (*Compram-se* carros usados).

Compreendemos que é dado enfoque à análise sintática das estruturas, mas acreditamos que um ensino mais coerente das construções citadas deveria considerar também a junção de enfoques semânticos e pragmáticos e, partir de dados da língua

em uso, apresentar ao aluno como as construções podem ser acionadas e atentar para a tendência ao não preenchimento do termo que exerceria a função sintática de agente da passiva. Dessa forma, pensamos em duas atividades que podem ser utilizadas em sala de aula. Na primeira, queremos que o aluno se familiarize com os conceitos de impersonalização e indeterminação, reflita sobre suas escolhas linguísticas, questione as nomenclaturas “sujeito simples” e “sujeito indeterminado” e pense sobre elas; já na segunda, o principal intuito é verificar a desfocalização do participante 1 suspenso nas construções transitivas diretas com pronome SE. A seguir as atividades:

**Atividade 1:** Observe os fragmentos abaixo, usos reais da língua, tanto da modalidade oral quanto da escrita, atente para as palavras destacadas em negrito e:

a) trace reflexões sobre os conceitos de indeterminação (quando não queremos ou não sabemos identificar com clareza quem é o responsável pela ação) e impersonalização (quando conseguimos identificar que o responsável pela ação é o próprio sujeito enunciador);

b) a partir dos fragmentos, perceberemos que, em muitos casos, apesar de contarmos com um sujeito expresso (simples, de acordo com a nomenclatura da tradição gramatical), não é possível identificar com clareza quem é o responsável pela ação. Destaque esses exemplos e comente sobre seus usos nos diversos contextos comunicativos:

**Fragmento 01:** é encontrar os amigos tomar chopp por aqui... **inventaram** agora o Baixo Copacabana que é ali na Domingues Ferreira [Entrevista sociolinguística, Corpus Concordância]<sup>4</sup>

**Fragmento 02:** **A gente** faz uma distinção entre local de votação e seção eleitoral. O local de votação é, tipicamente, a escola. Mas, dentro da escola, **você tem** diferentes seções. [Trecho da fala do presidente do TSE, Notícia, Portal G1, 08/09/2020]

**Fragmento 03:** Nesta dissertação, **defende-se** a hipótese de que a justaposição é um procedimento sintático tal como são a coordenação e a subordinação. [Dissertação, Letras, UFRJ]

**Fragmento 04:** **Tentou-se**, de início, **acobertar** a barbárie. A primeira versão divulgada alegava uma fantasiosa reação defensiva ao que teria sido uma investida de bandidos armados. [Editorial, Folha de São Paulo, 2019]

**Fragmento 05:** aí eu entrava no mesmo vagão de manhã e via... pô **a mes/ a mesma galera** jogando car/ baralho... todos os dias... a mesma galera... eu ia voltava a mesma galera... e eu lá estudando ( ) [Entrevista sociolinguística, Corpus Concordância]

#### **Gabarito comentado:**

a) Primeiramente, espera-se que diversas estratégias de impersonalização e indeterminação já tenham sido abordadas em sala de aula para que, a partir dos fragmen-

4 Disponível para consulta em: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; MOTA, Maria Antonia Coelho da (org.). Corpus Concordância. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Disponível em: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. CORPORAPORT: Variedades do Português em análise. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ. [www.corporaport.letras.ufrj.br](http://www.corporaport.letras.ufrj.br). Consultado 15 de setembro de 2020.

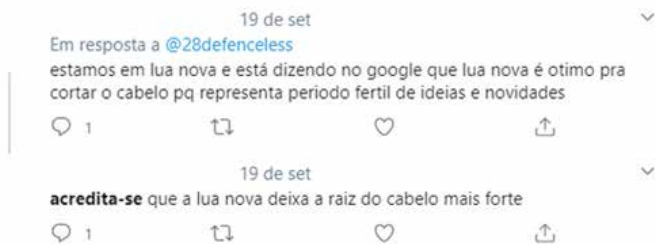
tos, os alunos consigam observar o acionamento da desfocalização do participante 1, na busca por inferir quem é o responsável pela ação. Dessa forma, os destaques nos fragmentos 1, 4 e 5 podem ser analisados a partir da perspectiva da indeterminação. Em (1), “inventaram”, verbo com uso na 3ª pessoa do singular, sem preenchimento de sujeito, é uma estratégia para não identificar o responsável pela predicação contemplada pela perspectiva tradicional e, no excerto, há uma reflexão sobre a nomenclatura “Baixo Copacabana”, que é utilizada pelos moradores do bairro, mas não se define ao certo se uma pessoa ou um grupo de pessoas teria(m) sido responsável(eis) pelo termo; em (4), “tentou-se acobertar” aciona um praticante suspenso diferente do eu-enunciador que não se quer identificar com mais clareza, na busca por atender a um grau elevado de polidez e, temos, assim, uma estratégia de indeterminação; por fim, em (5), a expressão “a mesma galera” é utilizada para fazer menção a um determinado grupo de pessoas, usuárias do transporte público, que não é identificado com clareza. Já nos fragmentos 2 e 3, as construções refletem a perspectiva da impersonalização: em (2), o uso de “a gente” assume uma perspectiva impessoal, pois refere-se ao enunciador e aos demais membros do TSE que estão organizando o processo eleitoral; já o uso de “você tem” não se refere à segunda pessoa discursiva, mas assume um valor existencial: “há diferentes seções”, sendo assim, consideramos que se trata de uma sentença impessoal; e, em (3), o uso de “defende-se” faz referência ao próprio sujeito enunciador, ou seja, ao autor da dissertação e, ao ser acionada, a construção transitiva direta com o pronome SE promove o afastamento do pesquisador do seu texto. Pôde-se constatar, dessa forma, que há diversos recursos disponíveis na língua e o usuário pode lançar mão deles com diferentes intuitos, em um *continuum* de impersonalização discursiva.

b) Nos fragmentos 2 e 5, podemos destacar os sujeitos simples “a gente” (**A gente** faz uma distinção...), “você” (**Você** tem diferentes seções...) e “A mesma galera” (**A mesma galera** jogando car/ baralho...). No caso do uso do “a gente”, notamos que o falante, o presidente do TSE, se inclui como um dos que fazem a distinção e podemos assim inferir quem são os possíveis participantes da predicação, já o uso de “você” como sujeito nesse mesmo fragmento não remete a nenhuma pessoa de maneira direta e sim a qualquer pessoa; o mesmo ocorre com “a mesma galera”, em que não podemos identificar com precisão, a partir da fala do entrevistado, quem são essas pessoas. O professor pode alertar que essas construções se demonstram mais utilizadas na fala e, por exemplo, não costumam ser acionadas em textos dissertativos e argumentativos, contexto em que se percebe a produtividade de uso das construções transitivas diretas com o pronome SE.

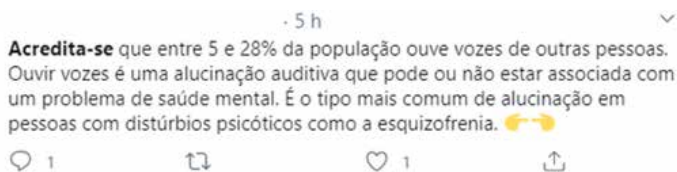
**Atividade 2:** Observe o uso de “acredita-se” nos tuítes abaixo:



### Tuíte 1



### Tuíte 2



- Os constructos podem ser associados à indeterminação ou à impessoalização?
- Identifique os possíveis participantes da predicação nos dois tuítes.
- Em qual dos tuítes há maior confiabilidade na informação dada?

#### Gabarito comentado:

a) Podemos verificar que, nos dois tuítes, “acredita-se” pode ser associado à indeterminação: no tuíte 1, a interferência da fase da lua sobre o corte de cabelo e textura da raiz parece ser um conhecimento compartilhado por muitos (crença), entre eles, o autor do texto; e, no tuíte 2, o autor coloca dados estatísticos que, apesar de não citada a fonte, refere-se a uma possível pesquisa sobre a audição de vozes.

b) No primeiro tuíte, aparentemente, o participante suspenso pode ser recuperado como parte da população que acredita na crença da influência da lua sobre o cabelo, incluindo a pessoa que postou a assertiva; já no segundo, parece que o participante suspenso é a instituição que realizou a pesquisa para identificar o percentual de pessoas que ouvem/ouviram vozes.

c) Identifica-se maior confiabilidade no segundo tuíte, pois somos levados a acreditar nos fatos a partir dos dados estatísticos apresentados pelo autor e, no primeiro tuíte, ao utilizar “acredita-se”, o autor pretende não se comprometer tanto com a informação dada, pois conseguimos aferir que se trata de um fato não comprovado cientificamente.



## 4.6 QUERO MAIS!

<b>Dicas!!!</b>	<b>Referências</b>
Duarte (2008) apresenta, nesse artigo, uma proposta de classificação para sujeito muito interessante, em expresso ou não expresso de referência definida ou indefinida que pode ser apresentada em sala de aula.	DUARTE, M. E. L. Termos da oração. In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. <i>Ensino de gramática: descrição e uso</i> . São Paulo: Contexto, 2008.
Rumeu (2011) propõe uma análise de dados reais de uso que veiculem a indeterminação e traça comparações com o que é previsto nos manuais de redação e gramáticas tradicionais.	RUMEU, M. C. B. Estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em jornais portugueses e brasileiros. In.: <i>Revista Veredas</i> , janeiro de 2011.
Saraiva (2018), apresenta as formas como a voz passiva costuma ser abordada em materiais didáticos e paradidáticos. Intui-se propor reflexões sobre o ensino da temática em sala de aula.	SARAIVA, E. S. Ensino de construções passivas analíticas e sintéticas em materiais didáticos e paradidáticos. In.: <i>Revista Vocábulo</i> , v. XIV, p. 1-15, 2018.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BECHARA, E. *Lições de Português pela análise sintática*. Rio de Janeiro, Padrão, 1988.
- DUARTE, M. E. L.; SERRA, C. Gramática(s), ensino de Português e “adequação linguística”. In. *Revista Matraca*, v. 22, n. 36, 2015, p. 31-55. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/17046>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- DUARTE, M. E. L. Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. In.: *Revista Linguística*, vol. 3, no 1, Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p. 185-203. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4396>. Acesso em: 03 fev. 2022.
- FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- KROPE, M. P. A. *Uma comparação do Português Europeu e do Brasileiro acerca da alternância entre passivas analíticas e sintéticas no universo acadêmico*. Apresentação de pôster. In.: I Fórum Internacional de Sociolinguística, 2019.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Descriptive applications*. Standford: Standford University Press, 1991.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Standford: Standford University Press, 1987.
- MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradência e alternância na Gramática de Construções do Português. In.: Estudos

- da Língua(gem), vol. 18, n. 1, 2020, p. 65-84. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6131>. Acesso em: 05 fev. 2022.
- MACHADO VIEIRA M. dos S. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. In.: *Revista Letrônica*. Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan-jun 2017, p. 82-95. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/25061>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- PAGOTTO, E. G. Gramatização e normatização entre o discurso polêmico e o científico. In.: ORLANDI, E. P. (org.). *Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas Cárceres: Pontes – UNIMA Editora, 2001.
- SARAIVA DE PONTES, E. S. *Predicação transitiva direta com pronome SE: perfis de impersonalização discursiva em variação*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2022.
- SARAIVA, E. S.; TEIXEIRA, R. B. S.; SANTOS, D. N; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Por que nem sempre fica claro quem é o responsável pela ação? *Revista Roseta*, vol. 4, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.roseta.org.br/2021/10/13/por-que-nem-sempre-fica-claro-quem-e-o-responsavel-pela-acao/>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- SARAIVA, E. S. *A construção TEM-SE no português brasileiro escrito: uma análise sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.
- TEIXEIRA, R. B. S. *Estruturas com verbo (semi)suporte: a variação sob um prisma construcionista*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.